

DISCURSO JORNALÍSTICO E A NEGOCIAÇÃO DE UMA REALIDADE DE CRISE: A REPRESENTAÇÃO DE ESCÂNDALOS DE CORRUPÇÃO POLÍTICA

Guilherme Rocha Brent (UFMG)
guibrent@hotmail.com

1. Introdução

O presente estudo é resultado de uma pesquisa que toma como objeto de estudo e investigação o processo da representação de escândalos de corrupção política no âmbito da mídia jornalística impressa, com o foco voltado para como jornalistas constroem realidades de corrupção para aquilo e aqueles que representam em seu discurso. Nosso objetivo é, então, analisar o papel da linguagem no modo como escândalos políticos manifestam-se discursivamente na mídia jornalística em termos de sistemas de conhecimento e significado. Para isso, tomamos o sistema de transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) como mecanismo de análise linguística.

Com base na análise do significado experiencial da linguagem, materializado por orações que expressam processos (materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais), podemos verificar em que medida as escolhas de transitividade contribuem para a construção de uma realidade de corrupção para o escândalo representado.

Para este artigo, nossa análise versa sobre o escândalo do mensalão, representado em duas reportagens da Revista Veja.

2. O sistema de transitividade

Halliday e Matthiessen (2004, p.29) observam que a linguagem constrói a experiência humana nomeando coisas, categorizando-as, construindo taxonomias para essas categorias, sempre usando nomes para isso. É nesse sentido, que “não há nenhuma faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado”. Esse processo representativo acontece porque a linguagem se organi-

za de modo a dar significado a nossas experiências. Essa função a que se presta a linguagem é definida como metafunção ideacional, e se divide em dois componentes: o experiencial e o lógico. Partindo dessa configuração funcional, toda oração é vista como uma forma de representar aspectos do mundo a partir do uso de sistemas gramaticais particulares.

O componente experiencial se materializa pelo Sistema de Transitividade. Este sistema aborda a forma como significados experienciais são representados na estrutura da oração através de um conjunto de tipos de processo, em que cada tipo fornece seu próprio modelo para representar um domínio particular da experiência.

Em termos de processos, Halliday e Matthiessen (2004) reconhecem três tipos principais, quais sejam:

(1) os processos materiais, ligados a processos de ‘fazer’ (ex.: quebrar, chutar, plantar, dentre outros). Esses processos representam ações físicas realizadas por um participante (o ator), podendo ser entendidas a outro participante (a meta). Pode ocorrer também dessas ações trazerem benefício para outros participantes (o receptor e o cliente) ou ainda serem constituídas por um participante (o escopo);

(2) os processos mentais, ligados a processos de ‘sentir’ (ex.: perceber, gostar, acreditar, dentre outros). Esses processos representam não ações, mas sim percepções, desejos, pensamentos e sentimentos. O experienciador é o participante em cuja mente o processo mental ocorre e o Fenômeno é a construção mental gerada pelo experienciador;

(3) os processos relacionais, ligados a processos de ‘ser/ter’ (ex.: ser, ter, significar, dentre outros). Esses processos estabelecem uma relação de intensidade (quando uma qualidade é atribuída a uma entidade), circunstância (quando uma circunstância é atribuída a uma entidade) ou posse (quando existe uma relação de posse entre os participantes) entre duas entidades. Processos relacionais podem ocorrer de duas formas: como atributivos ou identificativos. No primeiro, o participante portador é aquele que carrega um atributo. Ao passo que no segundo, onde a função do processo é identificar uma entidade em termos de outra, o participante característica é a entidade definida e o valor é o termo definidor.

E três tipos intermediários, a saber:

(4) os processos comportamentais, situados entre os processos material e mental, representando comportamentos psico e fisiológicos do indivíduo (ex.: irritar, chorar, respirar, dentre outros). Esses processos apresentam obrigatoriamente um participante consciente, o comportante, que sente e externaliza um processo;

(5) os processos verbais, situados entre os processos reacional e mental, representando atos de dizer (ex.: dizer, anunciar, convocar, dentre outros). Esses processos estão relacionados a quatro tipos de participantes: o dizente (aquele que comunica algo, sendo, pois, sua presença obrigatória), o receptor (participante para quem o processo verbal é dirigido), o alvo (o participante atingido pelo processo verbal) e a verbiagem (aquilo que é dito);

(6) os processos existenciais, situados entre os processos material e relacional, representando a existência de algo ou alguém (ex.: existir, surgir, restar, dentre outros). Esses processos representam apenas um participante: o existente.

Além de processos e participantes, circunstâncias também fazem parte do sistema de transitividade. Realizadas por grupos adverbiais e sintagmas preposicionados, as circunstâncias referem-se a complementos informacionais que indicam a expansão do processo em uma condição particular (extensão, localização, modo causa, contingência, acompanhamento, papel, assunto e ângulo).

3. *Jornalismo e análise crítica do discurso: algumas considerações para a leitura crítica do texto*

O jornalismo se configura numa prática social e discursiva de produção de sentidos e não como mera atividade de reprodução de aspectos da realidade (um espelho da sociedade). A problematização dos conceitos de objetividade, parcialidade, produção de sentidos, linguagem e representação da realidade, foi apresentado e discutido em vários estudos na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (cf. VAN DIJK, 1988; FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 1995; CALDAS-COULTHARD, 1997; RICHARDSON, 2007). Esses estudos têm mostrado, através de análises de cunho linguístico e social, que a prática discursiva do jornalismo é complexa, visto que abrange relações de várias ordens além de se constituir por discursos de outros campos sociais.

Nesse contexto, o jornalismo produz textos não apenas enquanto um mediador do espaço social, mas também como protagonista que, ao representar, age sobre esse espaço social, (re)produzindo, legitimando ou transformando significados para ele. Em face dessas suas características, o jornalismo preenche funções sociais essenciais para a modelagem de como devemos ver e interpretar a realidade que nos cerca.

Fairclough, em *Media Discourse*, (1995, p. 204) salienta que os textos jornalísticos não são uma simples e transparente representação do mundo, mas sim “o resultado de técnicas e práticas profissionais específicas, que poderiam e podem ser completamente diferentes, com resultados bastante diferentes”. O autor entende que as práticas sociais e discursivas que sustentam esses textos estão baseadas em relações sociais de poder particulares. Isso implica que toda análise desses tipos de texto não devem ficar restritas a um logocentrismo linguístico, visto que seus significados não são construídos apenas nas complexidades do texto, mas também no contexto social mais amplo de sua formação. Isso porque todo discurso possui uma ancoragem sociocultural capaz de determinar sentidos e efeitos sociais em formas que não podem ser reduzidas às próprias características do texto (BLOMMAERT, 1999). É nesse sentido que se diz que o discurso jornalístico só se realiza num espaço de produção de sentidos, ou seja, na sociedade, pois seus textos só terão reflexo nos indivíduos que constituem essa sociedade. Conforme entende Richardson (2007), os textos jornalísticos são sempre socialmente situados e, por isso, analisá-los requer mais do que uma lista de conceitos linguístico-textuais.

4. *O escândalo do mensalão representado nas reportagens “O PT assombra o Planalto” e “Nocaute”*

A análise dos tipos de processo nas reportagens revela uma visibilidade representacional maior em seis participantes: o PT, o Deputado Roberto Jefferson, Lula, Delúbio Soares, o ministro José Dirceu e o mensalão. Essa representação mostra a inclusão e a atuação dessas seis entidades em diferentes papéis de transitividade. Vejamos alguns desses recortes.

(1) O PT [ator] assombra [processo material] o Planalto [meta].

Em (1), temos o título da primeira reportagem publicada por Veja após as denúncias de Roberto Jefferson sobre a existência do mensalão. Nesse recorte, o PT atua como Ator da ação de assombrar o Palácio do Planalto. Ao apresentar essa construção experiencial, o jornalista sinaliza ao leitor aspectos significativos para o modo como o texto deve ser apreendido. Levando em consideração que cada forma particular de expressão linguística realizada tem sua razão de ser empregada da forma como é, nota-se o modo como o jornalista escolhe, já no título da reportagem, representar a relação do PT com o evento em questão; ou seja, o PT é a entidade que age sobre o esquema, por isso a escolha de “assombrar”. Observa-se, através da utilização dessas escolhas, que o jornalista atribui agentividade ao PT por suas ações ilícitas praticadas no Congresso.

(2) Com a saída de José Dirceu [circunstância comitativa], porém, Lula [ator] dá [processo material] um passo fundamental [Esco-po] em direção a duas coisas essenciais [circunstância de lugar]: salvar [processo Material] seu governo [meta] e preservar [processo material] sua biografia [meta].

No recorte (2), segue-se uma sequência de três processos materiais que, de modo geral, resumem a representação do presidente Lula no domínio do mundo material. Diante das denúncias de Roberto Jefferson, Lula é representado como aquele responsável por organizar a turbulência causada pelo PT, visto que ela pode prejudicar sua reputação. Isso indica que as consequências das denúncias atingiram não somente o partido enquanto uma instituição política, mas também a figura central dele. No recorte (2), observamos, primeiramente, que essas denúncias custaram o cargo de José Dirceu, o então ministro-chefe da Casa Civil. A partir disso, os três processos materiais realizados por Lula revelam esse seu papel após a delação de Roberto Jefferson. Nota-se que o jornalista, através da utilização de processos materiais semelhantes, salvar e preservar, constrói uma realidade para as ações do presidente: sua reputação de líder de Estado deve ser zelada, daí porque o passo dado é fundamental.

De acordo com Thompson (2002, p. 49), o prejuízo da reputação é um risco a todo escândalo: “o escândalo é um fenômeno onde

as reputações individuais estão em risco”. Por isso, muitos escândalos são caracterizados pelas “lutas por um nome”. As escolhas lexicais “fundamental” e “essenciais” retratam justamente a importância desse esforço em defender a reputação de alguém que tem um nome e um cargo a zelar. Entretanto, conforme nos lembra Thompson (2002), a luta pela reputação não é uma questão somente de honra e orgulho pessoal. Acima de tudo, está em jogo o capital simbólico: um recurso que possibilita ao presidente intervir e influenciar no curso da crise. Assim, essa seleção léxico-gramatical dos processos ativa uma realidade tanto para o presidente Lula, como para a representação do escândalo como um todo.

(3) "Ele meteu o pé no breque" [**oração projetada**], disse [**processo Verbal**] Jefferson [**dizente**].

No recorte (3), o jornalista registra uma declaração de Jefferson fazendo referência a uma atitude tomada pelo presidente Lula após saber do mensalão. O conteúdo desse discurso mostra que foi o presidente quem interrompeu o pagamento das mesadas. A escolha desse conteúdo tem, de certa forma, sua razão de ser. "Ele meteu o pé no breque" envolve um traço linguístico característico do vocabulário coloquial. Esse estilo conversacionalizado do dizer tem para Fairclough (1995) uma função importante: a naturalização da realidade que está sendo representada, pois torna a linguagem midiática mais acessível às pessoas, diminuindo as assimetrias, o que facilita a distribuição e consumo dessa informação. Na medida em que há sempre modos diferentes de se dizer a mesma coisa, essa escolha do dizer de Jefferson carrega uma significação ideológica, pois busca naturalizar o fato de que o presidente realmente interrompeu o mensalão, e para isso "Ele meteu o pé no breque" (para mais detalhamento sobre conversacionalização, ver Fowler, 1991, capítulo 4; Fairclough, 1995, capítulo 1).

(4) Agora [**circunstância de tempo**], porém, a natureza ética da crise [**portador**] torna [**processo relacional atributivo**] as coisas ainda mais confusas e imprevisíveis [**atributo**].

(5) A crise [**portador**], no entanto, não está [**processo relacional atributivo**] apenas no PT [**atributo/circunstância**].

Os recortes acima trazem escolhas de processos relacionais atributivos com os verbos “tornar” e “ser”. Em (4), o processo “tornar” significa que a natureza ética da crise transforma as coisas (leia-

se o desdobramento do escândalo) deixando-as ainda mais confusas e imprevisíveis. Em outras palavras, após a revelação de que havia praticamente unanimidade na bancada do PT sobre os casos de corrupção instaurados no governo, o jornalista evidencia ao leitor que a crise política, agora, provocará um estado de mudança na situação que já era confusa e imprevisível.

No recorte (5), o jornalista constrói uma relação entre os participantes a crise e o PT, fazendo uso outra vez de um jogo de informações não ditas. A escolha do advérbio “apenas” pressupõe que a crise também está presente em outro (s) partido (s), no governo ou em outra entidade. Esse não dito mostra-se como estratégia de tornar certas informações inquestionáveis, naturalizando, assim, o sentido de crise política. O que se percebe ao longo das duas reportagens é que essa relação entre a crise e o PT é, de fato, construída na configuração sintática e semântica de todos os domínios experienciais. Por isso, acreditamos que a organização das estruturas oracionais é um fator crucial para a manipulação de representações sociais, assim como para o controle do modo como os leitores perceberão e, especialmente, avaliarão a realidade representada.

Construções discursivas como essas, feitas para a representação da realidade do escândalo, acabam por revelar uma representação sistematicamente organizada da realidade de corrupção que o mensalão deu ao governo. Isso vai de encontro ao conceito de ideologia em Hodge e Kress (1993, p.15): uma apresentação sistematicamente organizada da realidade.

(6) Alvejado pela acusação de comprar deputados com mesada de 30.000 reais [**circunstância de razão**], o PT [**experenciador**] vê [**processo mental perceptivo**] desmornar seu discurso ético [**fenômeno**] (...)

(7) O que o PT [**experenciador**] não entendeu [**processo mental cognitivo**] é que será impossível e inútil tentar espantar a crise atual com palavreado vazio, como se a plateia fosse formada por uma massa de imbecis [**oração projetada**].

No recorte (6), o processo “ver” constrói a percepção de um fenômeno experienciado pelo PT. Essa experiência de mundo retrata uma das principais consequências dos escândalos políticos: o comprometimento da credibilidade e da confiabilidade. Assim, a escolha do participante Fenômeno responde, num primeiro momento, à ne-

cessidade de representar uma experiência que possa refletir a realidade de mundo sentida pelo PT. Essa escolha pode, também, estar informando ao leitor o que realmente importa saber sobre a notícia divulgada. Por estar inserida no *lead* da reportagem “O PT assombra o Planalto”, a experiência esclarece, em ordem de importância, que o PT é alvo de denúncias de suborno e que, em consequência disso, seu discurso ético (ou sua política de confiança) está se desmoronando. Essas informações são, de fato, detalhadas ao longo da reportagem.

A escolha do processo “entender” em (7) se faz de modo a situar outra experiência de mundo na consciência do partido. Uma característica constitutiva dos processos mentais é a projeção de uma ideia enquanto “uma unidade singular de significado” (MARTIN e ROSE, 2003, p. 75). Observa-se, neste recorte, que a ideia projetada é uma experiência relacional em que para uma ação material do PT é conferida os atributos “impossível” e “inútil”. A seleção do verbo “entender” na forma negativa para essa experiência relacional indica, de certa forma, uma desaprovação daquilo praticado pelo PT. Introduzir essa ideia como um conteúdo de consciência em que o PT é codificado como experienciador mostra-se como uma tentativa de representar que embora o partido seja um ser pensante, não entende, não racionaliza as ações tomadas para amenizar os custos da crise política.

(8) O presidente Lula [**experienciador**] queria [**processo mental Desiderativo**] uma resposta mais firme [**fenômeno**] e irritou-se com a decisão do PT de manter Delúbio Soares no cargo de tesoureiro.

(9) Lula [**experienciador**] está decidido [**processo mental desiderativo**] a recolocar seu governo nos trilhos, ainda que seja preciso voltar a cortar na própria carne [**oração projetada**]. Quer [**processo mental desiderativo**] recuperar sua autoridade [**oração projetada**].

Esses recortes mostram como os jornalistas representam as experiências de mundo da consciência do presidente com base na expressão de dois tipos específicos de processo mental: o desiderativo e o cognitivo. Esses dois tipos de processo trazem desejos e ideias à consciência do experienciador. Nos recortes acima, os desejos e as ideias apreciadas pelo presidente Lula dizem respeito aos efeitos causados pelo escândalo.

Em (8), “queria” indica a representação do desejo de uma ação mais eficaz por parte do PT, quando decidiu desmentir as acusações de Jefferson e manter o tesoureiro Delúbio Soares no cargo. Em (9), há dois processos desiderativos que trazem à mente do presidente a vontade de recuperar a reputação sua e a de seu governo.

(10) Lula [**comportante**] chorou [**processo comportamental**].

(11) O presidente Lula [**comportante**] parece ter sucumbido à perplexidade [**processo comportamental**] desde que VEJA trouxe a primeira reportagem mostrando a corrupção nos Correios e, depois, no IRB [**circunstância de tempo**].

(12) Embora ciente de que não tinha alternativa senão se livrar de José Dirceu [**circunstância de concessão**], Lula [**comportante**] manifestou [**processo comportamental**] certa perplexidade [**behaviour**] na semana passada [**circunstância de lugar**].

As escolhas de transitividade acima sinalizam, acima de tudo, que a reputação do presidente foi diretamente atingida pelas denúncias de Roberto Jefferson. Conforme nos mostra Thompson (2002), a importância do escândalo está no fato de ele afetar as fontes concretas de poder. E o que os recortes comportamentais acima expressam é exatamente isso. O escândalo alcançou grandes proporções, primeiro, porque envolveu o PT, partido do atual presidente da república, e, segundo, porque logo se descobriu que o presidente havido sido alertado sobre o pagamento das mesadas e nada fez, ou seja, ele foi conivente com crime cometido. “Chorar”, “parece ter sucumbido à perplexidade”, “manifestou certa perplexidade” expressam um comportamento de abatimento. Isso implica dizer que Lula só se comportou dessa forma porque o escândalo alcançou proporções significativas capazes de prejudicar sua política de confiança.

Essa organização da experiência nessas escolhas léxico-gramaticais de transitividade e vocabulário oferece ao leitor um meio de se interpretar a realidade de mundo comportamental do presidente Lula. Em vista disso, os jornalistas constroem um participante Lula consciente de seus comportamentos, que sabe da situação de crise política vigente, e que por isso reage de forma negativa a ela. Ademais, esses recortes revelam, no nível macro, que a política de confiança do presidente foi consideravelmente abalada pelo escândalo, visto que reputação e confiança são os principais valores em jogo nos escândalos midiáticos.

(13) Na bancada do PT [**circunstância de lugar**], na semana passada [**circunstância de tempo**], havia [**processo existencial**] praticamente unanimidade [**existente**] sobre os casos de corrupção nos Correios e no IRB e também sobre o pagamento de mesadas [**circunstância de assunto**].

(14) Já apareceram [**Processo Existencial**] indícios de que o mensalão também circulava dentro do honrado PTB [**Existente**].

Os processos existenciais escolhidos se prestam a construir não somente a existência do mensalão, mas também da crise política gerada pelo escândalo. O recorte (13) revela que quase todos na bancada do PT sabiam da existência do esquema das mesadas, enquanto que em (14) o jornalista declara que havia indícios de que o PTB também recebia as mesadas.

5. *Considerações*

À luz das análises acima, podemos afirmar o discurso de Veja como palco de intervenção política, onde representações são construídas de modo a legitimar uma realidade para o evento e para aqueles atores sociais nele envolvidos. As escolhas no Sistema de Transitividade e a forma de representação de participantes revelam um discurso que age diretamente sobre a construção ou renovação daquilo que Fairclough (1989) define como recursos dos membros. As escolhas de processos em seus diferentes tipos, associadas a participantes específicos, e isso sob elementos circunstanciais, indicam uma representação da experiência calcada em relações de poder. Ao dar visibilidade a determinados participantes e a suas atividades, o discurso de Veja constrói e controla sentidos para exercer seu poder 'oculto', isto é, ele constrói uma realidade através do controle do texto – quem incluir/excluir, como incluir/excluir, quais realidades construir para aqueles incluídos, por exemplo. E ao fazer isso regula o que saber e o que dizer sobre o evento.

Se notarmos como os participantes centrais (PT, Lula, Roberto Jefferson, Delúbio Soares, José Dirceu e mensalão) são realizados no texto, perceberemos como esse controle funciona. É nesse sentido que a proposta da ACD, de tornar explícitas relações que podem estar ocultadas, mostra-se como uma ferramenta analítica importante ao considerar os efeitos resultantes dessa articulação linguística e

discursiva enquanto processos de luta hegemônica pelo significado (Cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Isso porque, percebe-se que a materialização de uma realidade de corrupção é manifesta nas relações de sentido construídas pelo jornalista (processos, participantes e circunstâncias). Esse mundo representado na linguagem se faz exteriorizar, pela ordem de discurso da mídia, a partir do momento em que o jornalista tece toda uma gama de sentidos relacionados uns aos outros, quando define um modo particular de representar e quando inscreve essa representação no mundo. E ao fazer isso necessariamente deixa marcas na representação construída, visto que ocupa uma posição particular no mundo. Portanto, é dessa relação jornalista/mundo que os sentidos construídos na reportagem tornam-se realidades prontas para serem consumidas pelos leitores.

Nessa perspectiva, a organização da realidade do escândalo nesses domínios experienciais mostra como a representação não é uma interpretação objetiva de fatos sociais, mas sim um processo de construção de significados para a realidade e para os atores sociais nela inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, JAN. The Debate is Open. In: BLOMMAERT, JAN. (Ed.). *Language ideological debates*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999, p. 1-38.

CALDAS-COULTHARD, C. R. *News as social practice: a study in critical discourse analysis*. Florianópolis: Pós-graduação em inglês, UFSC, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, NORMAN. *Media Discourse*. London: Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. (Org.). Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOWLER, ROGER. *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. 3rd ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HODGE, R., KRESS, G. *Language as Ideology*. 2nd ed. London: Routledge, 1993.

MARTIN, J.; ROSE, D. *Working with Discourse: meaning beyond the clause*. London and New York: Continuum, 2003.

RICHARDSON, J. E. *Analysing Newspapers: an approach from critical discourse analysis*. Houndmills: Palgrave, 2007.

THOMPSON, J. B. *O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN DIJK. *News as Discourse*. Hillsdale, NJ: L. Erlbaum Associates, 1988.